

O muro real que a Alemanha não derrubou

Em ‘Tomorrow a Long Time Ago’, uma das atrações mais esperadas da reta final de Locarno, a diretora Luise Donschen revisita os fantasmas da reunificação alemã, num prisma de encanto



Gerti Drassl vive a acumuladora Patti na produção germânica que invade Locarno nesta sexta

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A Alemanha ainda tenta entender os fantasmas da reunificação, 36 anos depois de a queda do Muro de Berlim ter transformado radicalmente milhões de vida, alterando a solidez financeira de um território conhecido como “o motor da Europa”. É desse trauma, e da capacidade de seguir em frente quando tudo ao redor parece ruir, que nasce “Tomorrow a Long Time Ago” (“Morgen

vor langer Zeit”), uma das surpresas da reta final do Festival de Locarno. Em competição na seção Cineasti del Presente, o drama de tons líricos da realizadora berlinesa Luise Donschen transforma a história recente de seu país numa viagem de delicadeza desconcertante, acompanhando Patty, uma mulher de 50 anos. Interpretada magistralmente por Gerti Drassl, ela fica sem emprego e perde, de lambuja, uma grande amiga, passando a colecionar objetos descartados – como sublimação de suas mágoas – até que seu próprio apartamento se torne inacessível. Quando já não consegue entrar em

“Cinema não é reduzir, mas lançar muitas coisas para o espectador e torná-lo sensível a detalhes que normalmente não percebemos na vida cotidiana”

LUISE DONSCHEN

casa, ela parte para uma floresta, iniciando uma jornada que atravessa paisagens, memórias e a própria ideia de pertencimento.

Donschen conheceu aquele “antes” e “depois” ainda criança. Nascida e criada em Berlim, testemunhou os efeitos da reunificação dentro da pró-

pria família, embora reconheça que sua experiência tenha sido menos traumática do que a de muitos habitantes da antiga Alemanha Oriental. Seus pais perderam os empregos, mas seu pai pôde atravessar para Berlim Ocidental em busca de trabalho. O que mais marcou a diretora, con-

do, foi a metamorfose dos objetos ao seu redor. “Foi a primeira vez na minha vida em que percebi que alguma coisa podia existir como um ‘antes’ e um ‘depois’ na realidade alemã”, contou ao Correio da Manhã. “Aquilo que você tinha acabado de usar passava a ser considerado velho e era jogado fora, porque todos queriam coisas novas. Isso ficou muito marcado para mim, ainda criança.”

É justamente nessa relação entre pessoas e coisas que Patty se torna uma espécie de cápsula humana da Alemanha pós-1990. Ela recolhe o que os outros descartam, mas não fica aprisionada ao passado. Ao contrário: sua trajetória é feita de partidas. “Sempre descrevi Patty como uma bola: ela consegue seguir adiante, deixar coisas e pessoas para trás. Ao mesmo tempo, ela coleciona objetos”, explicou Luise. Para a cineasta, essa aparente contradição é essencial. Patty não acumula porque não consegue se desfazer das coisas, mas porque enxerga valor naquilo que o mundo decidiu abandonar. “Isso vale para objetos, árvores, animais, pessoas. E, mesmo assim, ela consegue deixar tudo para trás.”

A solidão, portanto, não aparece em “Tomorrow a Long Time Ago” como uma sentença. Pode ser dolorosa, mas também oferece liberdade. Patty está sozinha porque perdeu pessoas, trabalho e referências, mas é justamente nesse vazio que começa a se movimentar. Donschen evita explicar psicologicamente sua protagonista, preferindo deixar que a atriz construa a personagem através de gestos, silêncios e pequenas alterações de comportamento. “Cinema não é reduzir, mas lançar muitas coisas para o espectador e torná-lo sensível a detalhes que normalmente não percebemos na vida cotidiana”, afirmou. “Não estou feliz com a Alemanha atual”, admite. “Preocupa-me o crescimento da direita em tantos países europeus, a violência entre as pessoas e o enfraquecimento das questões sociais.”

Nesse sentido, a jornada de Patty ganha uma dimensão que ultrapassa sua história individual: é também a de um país que tenta descobrir como continuar caminhando depois de ter perdido uma parte de si.

“Guerilha no Asfalto”: Pavio lusitano

Um dos diretores mais inquietos do cinema independente português da atualidade, com joias como “The Nothingness Club – Não Sou Nada” (2023) no currículo, Edgar Pêra dividiu créditos de direção de um filme sem segmentos, “3x3D”, com duas lendas: Jean-Luc Godard (1930-2022) e Peter Greenaway. Seu nome, nos festivais europeus que buscam ousadia, é sempre bem-vindo, em especial naqueles, como Locarno, que não toleram narrativas feitas com base em algoritmos. É lá, em telas suíças,

que nasce sua nova criação, “Guerilha no Asfalto”, com base em livro homônimo de Manuel Ricardo de Sousa, integrante de uma organização política de guerrilha que acabou linchado por uma multidão após um assalto a banco. Desses relatos se constrói uma expressão poética que é reflexiva sobre o próprio ato de filmar.

“Toda memória tem como alicerce um pensamento sobre o futuro. Sempre olho para o que estou a filmar como se fosse uma memória instantânea. Ou seja, um filme que



Guerilha no Asfalto retrata a violência portuguesa com desconstruções

está porvir é uma construção de memórias que só serão encaradas como tal, e decifradas, anos depois. No caso desse filme, que fala de um tempo de radicalismo, parti do desejo de fazer uma prosa e acabei por fazer poesia. Poesia é o espectro em torno uma palavra que nunca será capaz de nomear”, explica o cineasta, que esmiúça sua mirada sobre pretéritos nada perfeitos na fotografia de Jorge Quintela. “Nossa violência, em Portugal, é um tanto amadora, e eu falo dela a explorar seu lado caricato”. (R.F.)